

Editorial: A Carta aos Efésios

Editorial: The Epistle to the Ephesians

Heitor Carlos Santos Utrini

Através das cartas paulinas pode-se tocar naquele bloco de escritos mais primitivos da literatura cristã. Por volta do ano 52 ele dirige uma carta à comunidade de Tessalônica no intuito de fortalecê-la e confortá-la. Apesar de este ser o mais antigo documento do NT, é pouco provável que tenha sido ele o primeiro escrito produzido pelos cristãos. De qualquer forma, dentre as várias possibilidades de manter contato com as comunidades por ele fundadas, Paulo escolhe fazer-se presente por meio de cartas como um meio de intervir nos caminhos das igrejas, ajudando-as a solucionar problemas e completando as instruções que não foram dadas pessoalmente. Normalmente suas epístolas se destinavam a comunidades, mas também registram-se aquelas dirigidas a um indivíduo (1/2Tm e Tt).

Não obstante a pregação do evangelho acontecesse sobretudo por meio da comunicação oral, a missão apostólica impedia que o missionário se estabelecesse definitivamente em uma só comunidade. Por um lado, Paulo se sentia na obrigação de manter-se em contato por meio de cartas com as comunidades que estavam sob sua responsabilidade, para que pudesse continuar noutros lugares sua missão. Por outro, a memória da mensagem anunciada deveria ser conservada de modo integral e sem adulterações perniciosas.

A Carta aos Efésios se insere naquele bloco de escritos colocados sob a autoridade paulina, mas cuja autenticidade literária recebe atualmente diversas críticas. Costuma-se atribuir à “escola paulina” ou à “tradição paulina” os seguintes escritos neotestamentários: Colossenses e Efésios, as três pastorais, a saber, 1 e 2 Timóteo e Tito, e 2 Tessalonicenses. Questionar a autenticidade literária dessas obras não implica fazer um juízo de valor sobre o caráter inspirado e, por consequência, canônico das cartas. Isso porque, conforme afirma o Concílio Vaticano I, independentemente de quem as tenha escrito, são inspiradas porque “tendo sido escritos sob a inspiração do Espírito Santo, têm Deus por autor e como tais foram confiados à Igreja” (*Dei Filius*, cap. III).

O Cânon de Muratori (séc. II) já incluía Efésios entre os escritos acolhidos pela igreja de Roma. Afirma que, seguindo o exemplo de João, também Paulo “escreveu a sete igrejas, mas apenas nominalmente. Ele segue essa ordem de composição: a primeira aos Coríntios, a segunda aos Efésios, a terceira aos Filipenses, a quarta aos Colossenses, a quinta aos Gálatas, a sexta aos Tessalonicenses, a sétima aos Romanos” (*Enchiridion Biblicum*, n. 4). O mesmo manuscrito adverte os cristãos para não acolherem outras obras a ele atribuídas: “Existem em circulação também uma carta aos Laodicenses e uma outra aos Alexandrinos, atribuídas por Marcião sob o falso nome de Paulo, e muitos outros escritos que não podem ser acolhidos na Igreja católica: com efeito, o mel não deve ser misturado com o fel” (*Enchiridion Biblicum*, n. 6). Tal preocupação com a heresia marcionita pode ser um indício de que o Fragmento Muratoriano remonte ao período em questão.

Embora os escritos de Marcião não tenham sobrevivido, sabe-se por seus opositores que ele aceitava quase todas as cartas de Paulo, excetuando-se as pastorais. Irineu de Lyon (séc. II) afirma que ele mutilou “as cartas do apóstolo Paulo eliminando todos os textos em que se afirma claramente que o Deus que criou o mundo é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e também as passagens onde o Apóstolo lembra as profecias que prenunciavam a vinda do Senhor” (*Adversus Haereses* I, 2). Sobre o mesmo Marcião, Tertuliano (séc. II-III) afirma que a carta a Filêmon, “devido à sua brevidade, escapou das mãos falsificadoras de Marcião. Mas estranha-me que, tendo aceitado as cartas dirigidas a uma só pessoa, recuse as duas dirigidas a Timóteo e a dirigida a Tito sobre o estado eclesiástico” (*Adversus Marcionem* V, 21,1). Como se vê, Efésios de fato tinha sido aceita desde sempre como proveniente de Paulo. O próprio Eusébio de Cesareia fala da autenticidade das quatorze cartas de Paulo, embora conhecesse a reserva de alguns acerca da Carta aos Hebreus (*Hist. Eccl.* III, 3,5).

No entanto, mesmo antes se percebe já um indício de que as cartas paulinas tinham sido agrupadas formando já no final do séc. I e início do séc. II uma espécie de coleção. O mesmo Paulo recomenda que a primeira carta aos Tessalonicenses seja lida a todos os irmãos (1Ts 5,27) e que a carta aos Colossenses seja enviada aos cristãos de Laodiceia. Por outro lado, os colossenses devem ler a carta enviada aos laodicenses (Cl 4,16). Assim, já durante sua vida, é provável que os escritos paulinos começaram a ser colecionados pelas igrejas.

É o que se percebe também em 2Pd 3,15-16a na qual o autor fala da “longanimidade de nosso Senhor como a nossa salvação, conforme também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada. Isto mesmo faz ele em todas as cartas, ao falar nelas desse tema”. Chama a atenção o fato de se falar de “cartas” de Paulo no plural, indicando assim que elas já tinham sido agrupadas. É claro que não se sabe quais cartas compoñham esse elenco rudimentar, mas o importante aqui é constatar essa tendência de colecionar esses escritos formando um *corpus*.

A passagem vai ainda mais longe ao dizer que “é verdade que em suas cartas se encontram alguns pontos difíceis de entender, que os ignorantes e vacilantes torcem, como fazem com as demais Escrituras, para a própria perdição” (2Pd 3,16b). O texto exprime uma certa consciência canônica que foi-se desenvolvendo na Igreja a ponto de colocar logo cedo as cartas do Apóstolo ao lado dos outros escritos herdados da sinagoga e, portanto, considerados palavra de Deus.

Uma questão a ser corretamente interpretada diz respeito à terminologia adequada para se referir a esse escrito. Isso porque essa e outras obras da Sagrada Escritura são marcadas pelo fenômeno da “pseudoepigrafia”. Em sentido estrito, “pseudoepígrafo” é um escrito atribuído a um determinado personagem por razões honoríficas ou para atrair a atenção para a obra literária. Tal expediente se encontra seja no AT – tal é o caso dos livros sapienciais atribuídos a Salomão, ou da Torá atribuída a Moisés – seja no NT – como a 2Pd atribuída ao apóstolo. A literatura extra-bíblica recorre à pseudoepigrafia no intuito de angariar prestígio para as obras colocadas sob o patronímico de personagens como Enoc, Abraão, Tomé etc. Dessa forma, a Carta aos Efésios também é uma obra pseudoepigráfica, uma vez que a autoria paulina hoje é praticamente descartada. Contudo, em certos círculos protestantes, “pseudoepígrafo” é aquilo que na tradição católica se costuma chamar de “apócrifo”. Assim sendo, para se evitar a confusão terminológica, é preferível falar de “cartas deuteropaulinas”.

O estudo da Carta aos Efésios desperta nos estudiosos grande interesse por permitir um melhor conhecimento do contexto das igrejas da Ásia Menor e as questões que eram candentes nos primórdios do cristianismo. A cidade de Éfeso foi certamente um importante polo de conservação e irradiação da mensagem paulina. Já durante seu ministério, o próprio Apóstolo ali esteve durante sua segunda (At 18,19-21) e terceira (19,1–20,1) viagens missionárias e ali permaneceu por cerca de três anos nessa última ocasião (de 52 a 55). É provável que ali residissem alguns de seus colaboradores, ou, como ele mesmo preferia chamar, *κοινωνός* (companheiro; 2Cor 8,23), *σύνδουλος* (companheiro de serviço; Cl 4,7), *συνεργός* (cooperador; Rm 16,3) ou simplesmente seus “irmãos”. Porém, a palavra *μαθητής* (discípulo) nunca ocorre no epistolário paulino.

Apesar de inúmeros manuscritos antigos trazerem a inscrição *Πρὸς Ἐφεσίους* ou em 1,1 a indicação de lugar *ἐν Ἐφέσῳ*, tal informação não consta nos mais respeitáveis maiúsculos do séc. IV (κ, B) e em um importante papiro do séc. III (P⁴⁶). Ademais, são escassas as informações no interior da carta sobre seus destinatários. Diz-se apenas serem de origem pagã (3,1). Por outro lado, tem-se a impressão de que o autor e os destinatários não se conheciam pessoalmente (1,15). Tudo isso leva a crer que a carta não fosse de fato dirigida à igreja efesina, uma vez que Paulo ali permaneceu considerável tempo em sua terceira viagem.

Dessa forma, embora não se possa precisar os destinatários da obra, a partir do conteúdo da carta pode-se inferir que o autor quer colaborar numa questão interna da comunidade. O discurso eclesial é fortemente acentuado. Enfatiza-se o tema da unidade



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2023v4n7p02

da Igreja (4,1-6), chamada a ser um só corpo com Cristo-Cabeça (5,25-33). O tema da justificação comparece no cap. 2 ressoando a doutrina de Gálatas e Romanos. Não se percebe aqui nenhum tom polêmico como em Gálatas, na qual a autoridade apostólica de Paulo era questionada. Ou questões disciplinares a serem ajustadas, como na Primeira aos Coríntios. As exortações visam estimular os fiéis a assumirem a sua vocação cristã cada vez com maior autenticidade, evitando o risco de recaírem nos vícios e paixões de outrora.

Assim sendo, o estudo da Carta aos Efésios oferece uma excelente oportunidade para se conhecer relevantes aspectos da teologia paulina que são norteadores para a Igreja de todos os tempos. A todos os leitores de ReBiblica, que este novo volume motive a uma vivência mais fiel ao Senhor e ao seu evangelho pregado por Paulo. “Que a graça esteja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor perene” (Ef 6,24).

Heitor Carlos Santos Utrini

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino
 (“Angelicum)

Docente do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro

Coordenador da Graduação em Teologia da PUC-Rio

Editor-Gerente de ReBiblica

Rio de Janeiro/RJ – Brasil

hcsutrini@puc-rio.br